

HYBRIS:

Retórica da Sedução ou Força da Explicação Ambivalente?

RESENHA

30sé Luiz Jthamar Passos

Por mais que se queira declarar intransitivamente a imortalidade de uma obra, sua atualidade perene, não se pode fazê-lo sem recair na velha armadilha do peixe dentro d'água. Que não percebe sua própria imersão, sua irrefutável dependência àquilo que respira e consome. Teias da ideologia, que por fios insuspeitos constrói visões e gostos. A tudo isso os críticos estão sujeitos quando julgam o "valor" de um texto. Comentar é julgar. Não comentar é igualmente julgamento. Uma das tarefas da crítica sociológica é inquirir esses julgamentos - ou seus "silêncios" sobre suas premissas e pretensões de validade.

De maneira simples e irresponsável podemos definir a cultura como um legado que nos atravessa por um incessante movimento de sanção e transgressão. Um fazer que se atualiza. Sob essa perspectiva da mudança, uma obra toma-se, portanto, seu próprio processo de transmissão na história. Ela é, mesmo, a sua historicidade: um percurso de acúmulo de camadas de sentido que se unem sobrepondo-se umas às outras, re-enformando o ponto de partida. Não há porque se falar em origem. A verdade da obra pode ser condensada por uma fórmula: seu movimento no tempo. Que não é necessariamente prospectivo. E então a permanência não é

mais do que um acordo entre gerações. O que já é muito. Aliás, é tudo, já que "acordo" é sempre um acerto de contas. Vejamos um deles.

O que significa afirmar

RICARDO
BENZAQUEN
DE ARAÚJO

GUERRA!
E PAZ

CASA-GRANDE
& SENZALA
E A OBRA DE
GILBERTO FREYRE
NOS ANOS 30

editora ■ 34

a atualidade de Casa-Grande & Senzala? Resposta: absolutamente nada. A obra, por si só, jaz morta em papel e tinta, não comunica. No entanto, os usos e as percepções que se fazem dela ao longo do tempo restauram a sua força e lhe restituem o sentido, ou por outra: lhe emprestam novos significados que se somam gradativamente aos que já se encontram decantados.. A obra, portanto, continua a enxergar pelos olhos de um eterno presente, através dos seus contemporâneos. O único fato verdadeiramente perene é o presente. Esse somatório de sentidos, usos e interpretações da obra é o seu diálogo com o tempo, "o tempo presente, os homens presentes". Esse somatório é a sua verdade, que só se verifica como uma atualização constante levada a cabo por esses "homens presentes". Assim, a atualidade só tem sentido como atualização, tarefa que intercomunica horizontes e experiências históricas. Isso foi válido para Gilberto Freyre em seus esforços de interpretação do nosso legado colonial; isso é válido, também, para os nossos esforços de interpretação dos motivos e resultados que o autor reuniu em sua busca. Uma procura da procura; a matéria,

não nos enganemos, é o tempo presente.

Há várias formas de se resgatar uma obra. Para Gilberto Freyre notadamente se destacaram duas: a primeira, que chamaríamos de ideológica, busca as raízes do tempo e de classe em seus textos, procurando as implicações políticas e históricas decisivas para a configuração de sua obra e da função política desempenhada àquela época. Uma leitura válida; de todas a mais difundida. E outra, mais biográfica, que enxerga no autor, em sua personalidade e história pessoal, o germen para a compreensão de sua obra. E há também, talvez, uma terceira que combina as duas anteriores. Todas justas. Justíssimas. É preciso dizer, no entanto, que política num sentido amplo e biografias sempre existem e perfuram. Porém, é nas suas medidas onde jaz a questão fundamental para a crítica. De maneira mais feliz, ou não, essas tendências podem descambar para o elogio ou para a condenação tácita do nosso autor. Apesar dos exageros, leituras interessantes já foram realizadas.

Ricardo Benzaquen de Araújo encarna a figura do expedicionário. Do viajante que parte em busca de sentidos adormecidos na obra de

Gilberto Freyre, índices de possibilidades não realizadas pelas leituras anteriores dos seus textos. Na verdade toda viagem é um longo diálogo que se projeta no tempo e no espaço. O que lemos em Benzaquen é o seu diário de viagem. Uma visita que não atesta a atualidade do autor em estudo, mas busca precisamente a sua atualização, esta entendida como presentificação da obra pelo olhar que a renova. Ele soma um percurso original de reconsideração da obra de Gilberto Freyre entre Casa-Grande & Senzala (1933) e o início da década de 40. Seu interesse e todo o seu caminho permanece aderente às obras desse período; caracterizando-se, portanto, como uma abordagem eminentemente textual. O que é, certamente, diferente de uma abordagem literal, mas que às vezes corre o perigo de resvalar nesse sentido. Seu ponto de partida - na verdade o interesse geral que motivou a investigação - se encontra nas possíveis relações entre as "propostas modernistas" e as Ciências Sociais dos anos 20 e 30. Benzaquen enxerga em Gilberto Freyre a possibilidade de explorar esses vínculos e "(...) a oportunidade de interpretar a sua produção intelectual no período não tanto

como uma alternativa conservadora, mas como um outro modernismo, eventualmente distinto daquela postura a um só tempo nacionalista e modernizadora que se tornava gradualmente hegemônica entre nós" (p.21). Apontando para uma questão interessante e praticamente inexplorada, Benzaquen, entretanto, opta por uma "abordagem enfaticamente monográfica", capaz, em sua opinião, de ficar atenta às nuances e ambigüidades do autor. Ele portanto, dissolve o seu interesse geral nas estrelinhas de sua investigação que, então, estrutura-se como um minucioso e sistemático comentário-exploração do seu objeto: os trabalhos de Gilberto Freyre, a própria tessitura dos seus textos.

O livro divide-se em três partes, que na realidade se intercomunicam a todo instante, marcadas que estão pela figura do círculo: uma grande volta que parte da leitura detalhada dos principais tópicos de Casa-Grande & Senzala ("Primeira Parte - A Rússia Americana"), segue acompanhando seus principais argumentos sociológicos desenvolvidos por Gilberto Freyre principalmente em Sobrados e Mucambos (1936) ("Segunda Parte - Arsenico e Alfazema"), para

então retomar a Casa-Grande ("Conclusão - Dr. Jekyll and Mr. Hyde") a fim de demonstrar definitivamente a tese que perpassa todo o seu trabalho; na realidade uma idéia que vem sendo apresentada ao leitor desde o início do livro, mesmo em sua introdução. Trata-se de sustentar que em Casa-Grande & Senzala "as teses de conteúdo histórico-sociológico eram como que confirmadas, autenticadas pela própria maneira em que foram escritas" (p.24).

Parece que o esforço de aproximação do autor para trabalhar adjacente aos textos de Gilberto Freyre o conduziu a uma perspectiva que praticamente privilegia a linguagem como instância essencial da pesquisa. A linguagem em tudo o que ela implica: sentidos sonoros, opacos e, principalmente, a ambivalência que ela possibilita, tomada por Gilberto Freyre como um dos componentes centrais para enformar a sua obra. Navegando entre lacunas e repetições Benzaquen adere ao caminho sinuoso do discurso gilbertiano para advogar que o seu percurso é a sua própria estrutura; que os seus argumentos convertem-se em forma para a configuração geral da sua obra.

Acompanhando a entrada e a representação dramática do conceito de "raça", de sua distinção de "cultura" e da influência da abordagem neolamarckiana pela introdução do "meio físico" como categoria moduladora das duas primeiras, Benzaquen identifica em Gilberto uma posição capaz de superar a perspectiva negativa que revestia o tema durante a República Velha. Para os críticos de Gilberto, **n**o entanto, esse movimento não se dá sem um forte componente ideológico, que promove a representação de uma imagem idílica do passado capaz de ocultar a efetiva dominação.

Benzaquen não refuta a crítica ideológica que acusava de mistificação o passado reconstruído por Casa-Grande, ao contrário: ele argumenta muito próximo a Gilberto e incorpora a acusação como mote para desvendar **n**ovas matizes do pensamento do autor. Sem se preocupar com a sua contraposição efetiva. Não se verifica, então, uma opção entre "libertação" ou "mistificação". De fato parece que Benzaquen não enxerga nesse par uma oposição válida para o universo e o caráter da obra em análise. Longe disso, ele aproxima a **sua** própria

argumentação da de Gilberto, passando a considerar as duas interpretações - passado libertário da sua "carga" negativa e passado idealizado - como possibilidade para uma leitura plural da ambivalência do texto gilbertiano; tal como o seu próprio objeto de estudo em sua sinuosa disposição para a conciliação dos opostos, Benzaquen substitui o "ou" pelo "e", optando pela soma ao invés da mútua exclusão das partes. A 'posição de Gilberto Freyre sê distancia de uma tentativa de síntese, de uma procura pela totalidade, para se converter em um grande panorama, tanto em sua argumentação quanto em seu estilo; um discurso híbrido que incorpora e até privilegia a imprecisão do conteúdo e da forma em busca da "harmonização dos contrários" numa tentativa de fornecer um passado coerente pelo hibridismo e portanto, uma identidade coletiva pautada pela noção positiva da mistura.

De fato não se trata de uma "retórica da imprecisão" no sentido de um sofisma. A imprecisão desempenha uma função estruturadora na argumentação de Gilberto Freyre. E então não caberia dizer que Benzaquen se incumba da tarefa de defender o argumento de Casa-

Grande, ele reconhece culpas e lúreas em Gilberto - talvez se possa objetar o excessivo otimismo -, mas cuida mesmo é de recuperar uma perspectiva inédita sobre o autor, que encerra em si a imprecisão e a ambivalência como características essenciais do argumento, da forma e do efeito causado por essa conjunção: a sedução da narrativa gilbertiana, misto a um só tempo dos estilos literário, histórico e confessional, que 'constitui o sentido ímpar que a obra possui: o convencimento/sedução pela argumentação ambivalente. A ambigüidade tanto institui o paradigma quanto se constitui na verdade do texto.

Da análise, principalmente, do terceiro capítulo de Casa-Grande & Senzala Benzaquen retira o conceito de miscigenação, essencial tanto para Gilberto quanto para ele próprio. Entendida como a soma, por exemplo, de duas partes, o elemento "híbrido", miscigenado, não se constitui em uma terceira realidade independente e autônoma. Ao contrário, ele guarda a "memória" da diferença das suas partes originárias. Um amálgama que tem sua identidade pautada principalmente pela idéia do plural, do indefinido. "Diferença, hibri-

dismo, ambigüidade e indefinição: parecem ser essas as principais conseqüências da idéia de miscigenação utilizada em Casa-Grande & Senzala" (p.46). Da diferenciação entre raça e cultura à idéia de miscigenação Benzaquen nos conduz até a elaboração de uma dos conceitos centrais do pensamento de Gilberto Freyre: o patriarcalismo. "Essa categoria nos remete ao ideal de uma família extensa, híbrida e - um pouco como no Velho Testamento - polígâmica, na qual senhoras e escravas, herdeiros legítimos e ilegítimos convivem sob a luz ambígua da intimidade e da violência, da disponibilidade e da confraternização" (p.54). O patriarcalismo se compõe com o regime de economia do latifúndio monocultor asentado sobre a mão-de-obra escrava para formar uma determinada 'experiência histórica, social e cultural marcada pela harmonização dos antagonismos. Com as suas raízes fincadas na história colonial e os seus frutos maduros dependurados no presente, "trópico", "miscigenação", "escravidão" e "patriarcalismo" sustentam a reconstrução gilbertiana de um passado ao mesmo tempo exuberante e decadente. Cada um desses elementos não repre-

senta no interior da sua reflexão um conceito separado e autônomo que descreve aspectos singulares do real. São todos a própria realidade simultaneamente una e plural, elementos que se enformam mutuamente como as quatro arestas de um quadrilátero que define o plano onde se desdobra a própria história, que por sua vez institui e modifica a composição dos elementos que a limita.

Para demonstrar a significação e a eficácia dos argumentos desfilados em Casa-Grande no interior de sua própria estrutura, Benzaquen, erudito ao mesmo tempo que coloquial, mobiliza séculos de história da cultura chegando a passar inclusive - é bem verdade que em vôo de pássaro - pela antiguidade clássica e pela tradição cristã medieval e moderna. Pode-se dizer, mantendo certo cuidado, que seu itinerário no esforço de tornar explícita a presença dos argumentos de Gilberto Freyre na própria estrutura de seu estilo, e mesmo na composição de sua personalidade intelectual, acaba por incorporar traços do seu objeto de estudo também para a estrutura de sua própria argumentação. Se o livro Casa-Grande & Senzala pode ser entendido como uma

"reprodução" em texto do complexo real da casa-grande e da senzala, como uma maquete, "Guerra e Paz" acaba também por tomar-se um belo "croquis" para essa "maquete". A presença de um narrador em primeira pessoa que se revela através de uma linguagem oscilando entre o informal e o erudito denuncia muitas vezes opiniões, preferências e opções tomadas pelo autor em idas e vindas pouco triviais entre as abundantes citações dos textos gilbertianos; citações e mesmo posições que em muitos casos se repetem indo buscar argumentos que, tal como em Gilberto, não se encontram nunca por uma sentença simples, independente e direta, mas ao contrário, que se definem por oposições, exemplos, metáforas e repetições inseparáveis dos outros argumentos que procura expor. Como contas de um terço ligadas por um longo e imprevisível fio. Não que o texto padeça de clareza. Talvez o contrário: tamanha é a sua ânsia em demonstrar o pretendido que o texto acaba por solucionar o dilema colocando-se na realidade como um grande exemplo do que intenta argumentar. Tem-se a impressão que Benzaquen tem muito mais a dizer e que o texto é sobretudo

um enorme esforço de síntese de um pensamento justamente avesso a sínteses e enxugamentos. Um pensamento que se fortalece tanto mais quanto narra indefinidamente, tecendo quase que um mesmo e extenso argumento desdobrável, que se desvela ao mesmo tempo em que se contradiz.

Finalmente, é preciso que apresentemos o eixo central que conduz a argumentação de Benzaquen. E isso ao nosso ver reside na paulatina construção da categoria da *hybris*. Tradução moderna do seu sentido original, grego, ele a constitui a partir das citações do próprio Gilberto para ir lhe acrescentando outros sentidos, complementando-a inclusive pela soma de seus antagonismos. Aliás, *hybris* é mesmo sinônimo desse movimento. Assim, a elaboração dessa categoria parte do interior dos textos do autor de Casa-Grande e repousa sobre a compreensão que Benzaquen constrói sobre uma concepção bastante peculiar de sociedade; uma concepção que não apenas convive com a diferença, a imprecisão, a ambigüidade e a mistura, mas que necessita delas como componentes fundamentais para constituir-se como episteme. Uma tal visão apenas

será possível, como nos afirma Benzaquen citando Luiz Costa **Lima**, pela "suspensão da desconfiança fundamental que o pensamento ocidental nos ensinou a manter quanto à contradição" (p.57).

A *hybris*, para Benzaquen, é sinônimo de excesso, exuberância e comunhão, ao mesmo tempo em que encerra também o seu reverso: falta, morte e decadência. Ela encontra-se na obra de Gilberto Freyre como encarnação e conseqüência da idéia ampla de trópico, quando esta opera "transformando de certa forma condições físicas e geográficas em culturais; (...) termina[ndo] por impregnar o conjunto da vida social da casa-grande, convertendo-se em uma das categorias mais importantes para a sua adequada compreensão. (...) É justamente uma das modalidades dessa *hybris*, o excesso de natureza sexual, que pode ser apontada como a maior responsável por aquela atmosfera de intimidade e calor que, sem descartar o despotismo, caracterizava a relação entre senhores e escravos em Casa-Grande & Senzala" (p.58-9). A *hybris* se revela, portanto, como a fiel natureza do caráter da sociedade patriarcal brasileira, promovendo a sua maior e mais

fundamental qualidade: a possibilidade da emergência das "zonas de confraternização" entre culturas diferentes, tão a gosto de Gilberto.

De Casa-Grande & Senzala para Sobrados e **Mucambos** Benzaquen acompanha o desenvolvimento das teses sociológicas defendidas pelo autor. A segunda obra trata de aprofundar os elementos de decadência da sociedade patriarcal, desenvolvendo no tempo o processo de transformação sofrida pelo complexo da casa-grande. Na realidade Gilberto Freyre apresenta uma concepção "plástica" do tempo, um concepção espacializada da duração e portanto, da mudança. Ela é exposta através da análise de espaços e objetos sócio-culturais concretos e que por isso privilegia instâncias como a arquitetura, a alimentação e tudo que se relaciona mais diretamente com a sua visão "espacial" e diacrônica das formas de sociabilidade e do seu desenvolvimento no tempo. Literalmente uma "visão" do tempo imobilizado em estruturas culturais objetivas, a habitação é um perfeito exemplo.

A argumentação de Gilberto Freyre adentra no século XIX acompanhando o processo de urbanização e

seus componentes subjacentes de persistência e decadência da tradição patriarcal. A chegada do rei D. João VI; a moderação do poder "anárquico", da autonomia dos senhores de engenho e o desenvolvimento da economia de mineração e do café compõem todos um processo geral de desintegração das características tradicionais hegemônicas sobre a qual se assentava a sociedade até aquele momento. Assim, a aliança do Estado português com os novos setores urbanos e comerciais seria ao mesmo tempo causa e sintoma de um novo "processo civilizador" que se instaurava. Uma reeuropeização do Brasil. O sobrado, com suas modalidades de sociabilidade e sua moral já "aburguesada" é a conseqüência mais concreta dessa transformação da ordem social.

Assim, o sobrado simultaneamente fere de morte o complexo patriarcal da casa-grande e torna-se o repositório dos seus resíduos. Mantém, por exemplo, o caráter "ritualístico" das relações desenvolvidas em seu interior; a natureza autárquica, procurando sempre uma autonomia em relação ao exterior e também perpetua a tensão campo-cidade, uma tensão que se transfere para a

oposição casa-rua e que no limite revela uma concepção peculiar, contínua, da relação entre o "público" e o "privado", naturalmente dando primazia ao último. Gilberto Freyre, então, não consegue argumentar desfavoravelmente ao sobrado, que por encerrar em si componentes de moderação sexual, moral burguesa, repressão da vida imoderada e influência da cultura europeizada dos bacharéis, acaba por reverter a qualidade "positiva" da *hybris*. Uma qualidade que se pautava pela aproximação e harmonização das diferenças e que no interior do sobrado passa a transformar a diferença em motivo para o distanciamento, e portanto para a discriminação e exclusão.

Assim, Benzaquen consegue enxergar na moderação da *hybris* de ordem sexual do sobraio o gérmen da redefinição das relações íntimas dos seus componentes e passa a interpretar em Gilberto Freyre uma avaliação positiva da decadência da família patriarcal: o poder patriarcal perde a sua legitimidade quando deixa de fomentar aquela proximidade associativa, híbrida, **que** marcava a casa-grande colonial. O processo de modernização e a instituição de um Estado

burguês diminui em volume e complexidade o sistema da habitação patrimonial minando a sua estrutura e aprofundando a distância entre negros e brancos. A casa-grande sucumbe ao poder da rua, que lhe rouba a intimidade, as mulheres e os herdeiros. Rouba também os escravos, que da senzala passam ao quarto dos criados e depois aos mocambos, palhoças e favelas. A reeuropeização dizima a visão encantada, fissura a híbrida e sincrética sociedade patrimonial. Extingue a harmonia dos contrários.

Caminhando nesse sentido Gilberto Freyre trataria de solapar seu próprio argumento sobre o caráter positivo e híbrido do caso brasileiro, expressão "verdadeira" da formação da identidade de uma cultura em seu processo de amalgamento e adaptação. Portanto, apesar de em Sobrados e Mucambos toda a argumentação caminhar em direção oposta, apontando para a estilização e o artificialismo das "novas relações", o autor precisa salvar a sua narrativa e para isso introduz em sua conclusão uma descontinuidade em sua estrutura. A análise de Benzaquen é bastante provocativa.

Salvando a "verdadeira" e "positiva" *hybris* por um milagre final, Gilberto Freyre reedita o argumento de Casa-Grande & Senzala pelo resgate do mocambo, do mulato e das "sinhás" como guardiães dos valores antagônicos harmonizados pela história colonial. Benzaquen sustenta que o final de Sobrados e Mucambos constitui-se na realidade em um "recomeço" que se intercomunica com Casa-Grande e com as demais obras do período de 30. Uma solução harmoniosa de síntese para as tensões e o impasse gerado pelas transformações que o pensamento gilbertiano tinha de enfrentar: o complexo cultural mulato-mocambo é a saída. No mulato, a raça estável e moderada; no mocambo, a solução de uma simbiose ecológica, expressão de uma "sabedoria cultural". Embutida na idéia de "habitação vegetal" reside a reabilitação da *hybris* e de sua interferência no sobrado, tal como a senzala para a casa-grande. O mocambo é, então, a antítese do sobrado decadente, ele é sinônimo de integração e estabilidade.

A valorização do mulato plebeu e das "sinhás", portadoras de um sincretismo culinário, restaura a *hybris* positiva e reinstalou a unidade

cultural original, fomentada pelo próprio caráter do desenvolvimento da história da família patriarcal no Brasil. Através de uma visão idealizada da "metade inferior" (povo?), Gilberto Freyre convoca como que aliados para tomar de assalto o sobrado e as usinas e instituir uma ruptura na argumentação de Sobrados e Mucambos. Sintoma dos seus desejos, essa solução força uma continuidade no quadro mais amplo de seu pensamento que na realidade representa uma ruptura artificiosa. Benzaquen adere ao texto de Gilberto Freyre de tal maneira que, mesmo conduzindo a sua argumentação com elegância e brilhantismo, corre o risco de se posicionar demasiadamente otimista em relação às reorientações do pensamento do autor.

No entanto, o próprio Benzaquen chama a atenção para o fato de que o interesse dedicado por Gilberto Freyre a essa "nova sociabilidade" fraternal e franciscana do universo popular do mocambo não é capaz de sustentar-se como argumentação decisiva e explicação suficiente para as suas obras deste período. Gilberto Freyre permanece em sua opção pela aristocracia, como ele próprio o reconhece. A perspectiva

adotada por ele é a contrapartida ambígua de uma alternativa pessoal de posicionamento intelectual e político. A hybris se encontra na própria personalidade de Gilberto Freyre, em seu argumento e na forma de sua obra. Ela está presente, também, na "missão intelectual" que, de acordo com Benzaquen, o autor se imbuíu: um "compromisso da obra com a vida" na tentativa de reformar os caminhos que o desenvolvimento da moderna sociabilidade brasileira assumia. A solução do mocambo aponta para a maneira como ele lida com a sua própria situação frente a reconsideração dos "excluídos". Visão encantada, de alpendre, que faz a sua opção pela aristocracia e se ressentida da sua derrocada. Mas que ao mesmo tempo, ainda seguindo Benzaquen, encerra dentro da sua obra a convivência pacífica entre dois pontos de vista: o aristocrático e o popular. O "equilíbrio de antagonismos" se encontra presente tanto na (auto)imagem da aristocracia colonial quanto no elogio da sociabilidade "fraterna" do mocambo. Duas formas de sociabilidade arcaicas que se contrapõem à estilização do sobrado e às novas relações "importadas" pela modernização,

Não há sínteses. Gilberto Freyre mantém a ambivalência de sua argumentação.

A perigosa perspectiva que enxerga em seu pensamento um "ativismo" e uma "intervenção" intelectual e histórica em favor da sociabilidade do mocambo carrega consigo a sua contrapartida perversa: imobiliza idealmente o popular como repositório de um tempo perdido, a hybris da casa-grande. O mocambo e o mulato são na realidade despolitizados, transformados que estão em curiosos e típicos guardiães da identidade de um passado harmonioso. Isto é ainda **mais grave se** pensarmos que em determinado momento o pensamento de Gilberto Freyre trabalha em direção à elaboração de mecanismos que cerceiam a expansão dos direitos de participação política e cidadania à certas camadas da sociedade. Promove também, por certo, a (re)descoberta e valorização de outros seto-es, mas a um determinado **preço** político. Expresso, mais uma vez, pela ambigüidade. Uma ambigüidade que caracterizava o próprio pacto de 30.

Tem razão Benzaquen: Casa-Grande & Senzala é uma grande obra modernista; que abre, inclui-

sive, a possibilidade de se sondar elaborações modernistas alternativas ao cânon estabelecido. "Guerra e paz", talvez ultimamente a sua exegese mais sedutora, cumpre uma verdadeira "acrobacia hermenêutica" que se encarrega de reviver na obra a face do presente. De um presente contínuo. Tamanho é o seu esforço de aproximação e desvendamento da obra que acaba por encontrar nela um espelho: e um espelho se define pelas inúmeras faces que perde. Uma interpretação inteligente e acima de tudo, bela. O que é fundamental. E então Casa-Grande pode ser lida como uma grande narrativa de si mesmo. Uma visão de Brasil "por dentro", tal como Benzaquen apanha a obra. Recontá-la não é revisitar o passado, mas ver o que nele há de presente. O próprio Gilberto Freyre insistia em que não há procura desinteressada

da pelo passado, a não ser que seja por necrofilia. Por seu intermédio aprendemos o significado forte da tentativa de se olhar o objeto com um sem-fim de "olhares", tantos quanto possível. Ser ambíguo quando ambíguo for o caso. Vale como fórmula?

Só "os idiotas da objetividade" podem crer que o mundo se revela preto ou branco - a lapalissada é de Nelson Rodrigues. Não se trata de decidir se a realidade se dá por antinomias ou dicotomias, mas de avaliá-la em toda a riqueza de detalhes com a qual ela se coloca. Não há irracionismos nem subjetivismos adormecidos aqui, apenas uma abertura de sentido para a consideração da realidade. Talvez, se Benzaquen quisesse ter ido mais longe, ele pudesse ter acrescentado que não é apenas Gilberto Freyre, ou Casa-Grande & Senzala, que se

constitui como sinorumo da **força** da explicação ambivalente, movimento sedutor que busca a compreensão da ambigüidade do real pela incorporação da sua imensa polissemia de sentidos. Ao contrário: isso é traço do próprio Sujeito, e no limite, da própria História. E então chegamos à solução do nosso título: não se trata de opor a sensualidade da parole gilbertiana à própria constituição do real ou ao esforço científico de explicação do objeto. São todos um só movimento. Troquemos, então, o "ou" pelo "e". Que afinal é isso, outra coisa e o contrário também. É preciso só um pouco de cuidado e ponto: é ler para crer.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de
Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30.
Rio de Janeiro: Editora 34,
1994. 215 páginas.

Normas para a apresentação de colaborações

Os artigos devem ser apresentados com original e cópia, texto datilografado em espaço duplo, mantidas margens razoáveis e, dentro do possível, sem emendas. Os originais não deverão ultrapassar 30 laudas de 20 linhas, com 70 toques cada ou 6 mil palavras. A extensão das resenhas não deverá, ultrapassar, em princípio, 7 laudas.

Os artigos devem ser acompanhados de um resumo que sintetize os propósitos, métodos e principais conclusões, assim como de dados sobre o autor (instituição, cargo, áreas de interesse, últimas publicações etc.). Os autores cujos textos forem aprovados para publicação deverão providenciar cópia em disquete, no formato padrão IBMPC, digitada em um dos programas de edição de textos disponíveis para esses equipamentos.

Os quadros, gráficos, mapas, etc. devem ser apresentados em folhas separadas do texto (indicando-se neste os locais em que devem ser incluídos), devendo ser numerados e titulados corretamente e apresentar indicação das fontes que lhes correspondem. Sempre que possível, deverão estar confeccionados para sua reprodução direta.

As notas de pé-de-página, quando existirem, devem ser de natureza substantiva. As menções a autores, no correr do texto, devem subordinar-se à forma (Autor, data) ou (Autor, data, página), como nos exemplos: (Jaguaribe, 1962) ou (Jaguaribe, 1962, p. 35). Diferentes títulos do mesmo autor publicados no mesmo ano deverão ser diferenciados adicionando-se uma letra depois da data. Ex.: (Adorno, 1975a). (Adorno, 1975b) etc.

A bibliografia será apresentada ao final do artigo, em ordem alfabética, obedecendo às seguintes indicações:

1. *Tratando-se de livre*, sobrenome do autor (em letra maiúscula), / VÍRGULA seguido do nome (caixa alta e baixa) /PONTal data, entre parênteses /VÍRGULA / título da obra (itálico) /PONTal nome do tradutor / PONTal n.o da edição, se não for a primeira /VÍRGULA/ local da publicação /VÍRGULA nome da editora / pONTal. Como no exemplo:

SACHS, Ignacy. (1986). *Ecodesenvolvimento, crescer sem instruir*. Tradução de Eneida Cidade Araújo. 2^a edição, São Paulo, Vértice.

2. *Tratando-se de artigos*, sobrenome do autor (em letra maiúscula) / VÍRGULA seguido do nome, (em caixa alta e baixa) /PONTal data entre parênteses /VÍRGULA//ASPAS/título do artigo /ASPASI /PONTal nome do periódico (itálico) /VÍRGULA/ volume e número do periódico /TRAÇai páginas /pONTal. Como no exemplo:

LARAIA, Roque de Barros. (1987). "Os estudos de parentesco no Brasil". *BIB*, n° 2313-17.

3. *Tratando-se de coletânea*, sobrenome do autor, seguido do nome /PONTal data entre parênteses /VÍRGULA/ASPAS/ título do capítulo / ASPAS/VÍRGULA in (iniciais do nome e sobrenome do(s) organizador(es) /VÍRGULA/ título da coletânea (itálico) /VÍRGULA local da publicação /VÍRGULA/ !EDITORIA! Como no exemplo: ABRANCHES, Sérgio Henrique. (1987). "Governo, empresa estatal e política siderúrgica: 1930-1975", in O. B. Lima & S. H. Abranches (org.), *As origens da crise*, São Paulo, IUPERJ Vértice.

4. *Tratando-se de teses acadêmicas*, sobrenome do autor, seguido do nome /PONTal data entre parênteses /VÍRGULA/ título da tese (itálico) /PONTal grau acadêmico a que se refere /VÍRGULA/ instituição em que foi apresentado /VÍRGULA/ tipo de reprodução (mimeo ou datilo.) /pONTal. Como no exemplo:

SGUIZZARDI, Eunice Helena. (1986), *O Estruturalismo de Piaget. subsídios para a determinação de um lugar comum para a Ciência e a Arquitetura*. Tese de mestrado, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, datilo.

O envio espontâneo de qualquer colaboração implica automaticamente a cessão integral dos direitos autorais a Estudos de Sociologia. A Revista não se obriga a devolver os originais das colaborações enviadas.

Nonnas transcritas da Revista Brasileira de Ciências Sociais